

EDUCAÇÃO DE MULHERES IDOSAS – EXPERIÊNCIAS E MINIATURIZAÇÃO EM HISTÓRIAS COTIDIANAS

Aline Bernar¹

INTRODUÇÃO:

“Eu sempre trabalhei na roça e chegava a chorar quando via alguém lendo e escrevendo.”

(Dona Maria de Fátima)

A citação que trago para abrir este artigo é uma frase de uma colaboradora da minha pesquisa doutoral. Trata-se de uma mulher de quase oitenta anos que passou a vida toda guardando o desejo de aprender a ler e a escrever, projeto que só na terceira idade conseguiu realizar.

Abordei o tema da alfabetização na terceira idade em minha dissertação de mestrado em Educação, entretanto, o tema não ficou ali restrito. Ele se desdobrou em outros modos de ver e de narrar. Por esta razão, abro o presente texto com um trecho de uma narrativa de memória de Dona Maria de Fátima, uma das narradoras que participam com suas narrativas da tese de doutorado que venho confeccionando.

METODOLOGIA

Das conversas, realizadas como trabalho de campo para a dissertação de mestrado segui para as narrativas presentes no seio destas que, naquele momento, não puderam ser abordadas. As narrativas me levaram ao trabalho de pesquisa narrativa como metodologia, ao trabalho epistemológico com a experiência narrativa e à problematização político-social que envolve as pessoas das classes populares, principalmente as mulheres em relação ao acesso restrito à educação.

A narrativa dessa mulher idosa, assim como a de tantas outras, traz a recordação de um episódio do passado, mas que não permaneceu no passado. Episódio que atravessa a experiência de vida e que me move a pensar melhor o que se chama o tempo da narrativa. Que tempo seria esse que extrapola os liames do próprio discurso? Que tempo mais curioso esse que pertence

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense, na linha de Pesquisa: Estudos do Cotidiano da Educação Popular. Bolsista CAPES. alinebernar@yahoo.com.br

ao passado, mas que não fica por lá. Tempo que insiste em seguir, como se não tivesse limite ou não pertencesse a um determinado evento localizado no passado.

DESENVOLVIMENTO

Os teóricos da Literatura fazem uma distinção a qual julgam ser importante no exercício de análise literária: o tempo cronológico versus o tempo da narrativa. O tempo cronológico é o tempo do relógio, da linearidade, dos fatos ordenados, do início, meio e fim nas devidas posições. Já o tempo da narrativa dispõe outras maneiras de ser notado. Esse tempo especial pode ter seu início pelo meio (*in media res*) ou pelo fim (*in ultima res*). Isso é possível porque um narrador pode começar a sua história de qualquer ponto da narrativa, do meio da história ou do fim da história, voltando depois ao início ao fazer um grande flashback.

Essa falta de ordenamento temporal, observo não apenas nas narrativas tradicionais, mas encontro eco também nas reminiscências de Walter Benjamin; certamente também na disposição dos livros de sua biblioteca, segundo seu amigo íntimo Scholem mas, principalmente, em seus textos de caráter mosaico segundo Hannah Arendt, na obra *Homens em Tempos Sombrios*. O que o inspirava, segundo anotações e cartas enviadas aos seus amigos mais próximos, era o movimento Surrealista, capaz de ver riquezas na efemeridade, naquilo que está desacreditado ou desiludido; ousou pensar aqui também na ruína e nas cinzas. A obra *Rua de Sentido Único* foi publicada por Ernest Rowolthlt em Berlim, em forma de folheto, mas segundo o próprio Benjamin, essa obra pretendia ser um tipo de livro diferente dos habituais. A obra em questão traz vários pequenos textos fragmentados, sem pretensão cronológica e organizados sem uma ordem pré-estabelecida. Essa obra, feita de pequenos textos, exibiria o que se costumava reconhecer no estilo benjaminiano: seu gosto pelas miniaturas.

Mas pergunto-me: O que esse gosto particular de miniaturizar de Walter Benjamin teria em relação aos apontamentos sobre memórias ou reminiscências? Quando busco os possíveis significados desse verbo, encontro: Miniaturizar é reduzir, é tornar portátil ou útil, mas também pode significar “ocultar”. E quando ligo os significados à vida e obra de Benjamin, indago que outra maneira – senão em miniaturas – seria mais adequada para um refugiado, estrangeiro ou viajante carregar seus pertences, incluindo suas memórias? O gosto pelo que é pequeno (em termos espaciais) pode fazer lembrar o mundo infantil, mas também me faz pensar no que ele mesmo chamou de “mundo pequeno”, quando nomeou a Paris dos surrealistas.

Segundo Sontag, pouco antes de sua morte, Benjamin planejava um ensaio sobre a miniaturização. Ao que tudo indicava, seria uma continuação de um velho plano de escrever sobre A Nova Melusina, conto de Goethe, que tem por tema a história de um homem que se enamora por uma mulher que, na realidade, é uma pessoa diminuta, mas a quem, temporariamente, foi concedido o tamanho normal: sem o saber, o homem transporta uma caixa que contém o reino em miniatura de que ela é princesa. No conto de Goethe, o mundo está reduzido a algo que bem poderia ser colecionável, um objeto, uma caixa que simboliza o mundo (em miniatura) da tal princesa.

Quando penso um mundo reduzido, penso no livro como espaço diegético para personagens e narradores (do gênero narrativo escrito), mas penso também no espaço deixado para que o leitor possa adentrar e ocupar seu lugar com a sua interpretação, que é sempre única ou singular. Quando Benjamin pensa no formato da obra A Rua de Sentido Único não pretende, ainda segundo Sontag, que esta seja apenas um livro com vários fragmentos do mundo, mas sim um “pequeno mundo”. Observo que a expressão feita com o adjetivo “pequeno” na frente do substantivo “mundo”, adquire o contexto desejado pelo autor pois não inferioriza o “mundo”, apenas diz que é circunscrito, reduzido e, até se quiser, especial. Entretanto, se o adjetivo “pequeno” viesse após o substantivo “mundo”, a expressão que utiliza as mesmas palavras ganha outra conotação e pode ser associado ao que se configura como menor ou mesquinho.

Para Walter Benjamin, o livro era uma miniaturização do mundo que é habitado pelo leitor. E é só dessa forma, entrando no livro (no que chama de “pequeno mundo”), que se é possível encontrar significado nos acontecimentos do passado, acontecimentos que na sua concepção são “eufemisticamente conhecidos por experiência”. (Idem, p. 24).

Aqui vejo surgir a complexa, mas não menos interessante, questão da experiência. Mas antes de percorrer os caminhos de qualquer outra análise tento pensar, junto com a frase de Benjamin, nas narrativas com as quais trabalho em minha tese. São narrativas orais que trazem acontecimentos do passado, que voltam ao período da infância em que o desejo pela escolarização tinha força, mas não uma força suficiente para vencer todos os interditos impostos a essas mulheres. Entretanto, ao tocar na possibilidade de encontrar significado nos acontecimentos do passado, Benjamin os define como um “eufemismo”, um “eufemismo” tal que se conhece com o nome de experiência.

Para tentar entender melhor o que Benjamin escreveu, penso antes na figura de linguagem usada por ele para definir o termo “experiência”. A figura “eufemismo” nada mais é que a tentativa de minimizar ou suavizar um termo, situação ou expressão que possa, talvez, chocar o interlocutor. Experiência seria então, para Benjamin, a suavização de algo equivalente a “acontecimentos do passado”. Talvez tenha sido assim definido por ser um conceito impreciso; ou ainda porque a palavra “experiência” possa também apontar para algo associado à experimentação, que pode mudar de acordo com o pensamento de cada autor. São hipóteses apenas, mas a partir delas, caminho para uma questão que, neste momento, se coloca diante de mim: Benjamin diz que a experiência é um eufemismo, uma suavização para “acontecimentos passados”. Pode ser que Benjamin tenha usado a palavra experiência por ser mais abrangente e menos específica do que “acontecimentos”; mas preciso de mais, preciso relacionar experiência com o que a narrativa, já que esta se situa no cerne da minha pesquisa e que também pode conter acontecimentos passados. Penso em mais uma hipótese, aparece em forma de pergunta, mas é apenas mais uma tentativa de entender um conceito tão complexo: Seria, a narrativa, o local da experiência por excelência, assim como o poema é o local do encontro?

Assim como Benjamin e outros teóricos problematizam o conceito de experiência e, conseqüentemente, a escassez do trabalho narrativo. Jacques Derrida, por exemplo, também pensa e faz pensar no poema como local do encontro com o outro. Se eu puder seguir esse raciocínio, posso pensar a narrativa como local da experiência e também como local do encontro do narrador com ele mesmo. Assim como um poeta que segundo Paul Celan deixa parte de si no papel onde escreve seu poema e se lança ao desconhecido, a um encontro com o Outro, a um possível e provável leitor; a narrativa também parte, também vai a caminho, vai ao encontro provavelmente de um “si mesmo” transfigurado pelo papel do Outro.

“O poético, digamos, seria aquilo que desejas aprender, mas do outro, graças ao outro e sob ditado, de cor. Não é isso já o poema, quando uma garantia é dada, um evento que vem, no momento em que a travessia da estrada chamada tradução se torna tão improvável quanto um acidente, contudo intensamente sonhada, solicitada nesse ponto em que o que promete deixa sempre a desejar?” (DERRIDA, 2003:6-7).

Derrida também discorre sobre a questão da experiência e diz que ela, a experiência, é outra palavra para viagem, ou uma “incursão aleatória num trajeto.” Assinala que o poema é um evento, inesperado, mas desejado, que se expõe e se protege. Ele cria a metáfora do ouriço enrolado em bola na beira de uma estrada que, ao pressentir o perigo, tenta se proteger, mas seus espinhos eriçados o expõem ao acidente: Ele cega-se quando enrolado em bola, voltado para o Outro e para si ao mesmo tempo. Assim, protegendo-se do Outro fora dele, ele também acertaria o Outro dentro dele, tão desconhecido e estrangeiro como o primeiro.

“O poema pode enrolar-se em bola, mas fá-lo ainda para voltar os seus signos agudos para fora. Ele pode, sem dúvida, refletir a língua ou dizer a poesia, mas nunca se refere a si mesmo, nunca se move por si como estes engenhos portadores da morte. A sua ocorrência interrompe sempre, ou desvia, o saber absoluto, o ser junto de si na autotelia. Este demônio do coração jamais se congrega, antes se perde (delírio ou mania), expõem-se à sorte, preferiria deixar-se despedaçar por aquilo que sobre ele avança.” (DERRIDA, 2003:10).

Para entender melhor o que vem a ser o conceito de experiência e ver se a mesma ocorre nas narrativas trabalhadas, parto das palavras de Walter Benjamin, mas encontro outros pensadores e teóricos pelo caminho que também oferecem suas concepções à análise. Giorgio Agamben, por exemplo, ao pensar sobre a pobreza em experiência comunicável, trazida por Walter Benjamin, reflete sobre a destruição da experiência:

“Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado a fazer. Pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo.” (AGAMBEN, 2014:21)

O professor de Filosofia da Universidade de Verona, Giorgio Agamben, assim como Benjamin, acredita na ausência de capacidade narrativa. Para Benjamin, a guerra foi uma responsável muito importante, pois os homens voltavam emudecidos: contudo, para Agamben, o homem moderno, muitas das vezes, não deseja ter a experiência e foge dela, não precisa de uma catástrofe como uma guerra, porque o homem estaria, segundo ele, “expropriado de sua experiência”. Os eventos nunca se tornariam experiências porque tudo é vivido de forma efêmera e superficial, quase nada hoje teria elementos traduzíveis em experiência. Para ele, os gêneros do discurso a máxima e o provérbio, por exemplo, praticamente não existem mais. Agora é a vez de o slogan mostrar que ali não é o lugar a procurar pela experiência.

A princípio, ao estudar o conceito de experiência para a tese, pensava que a mesma se relacionasse diretamente ao aspecto narrativo das histórias de vida com as quais eu trabalhava. Não necessariamente na volta ao passado para recordar os fatos vividos, mas na confecção da própria história com as reminiscências de muitos sentimentos e emoções misturadas, com os silêncios, com os espaços vazios e com as criações improvisadas na hora ou decoradas. Assim, achava eu ter exemplos do conceito de experiência com as narrativas orais outrora produzidas por essas mulheres diante de mim. Mesmo no papel, esperava encontrar nas palavras e nas frases, mas também nas entrelinhas, aquilo que não é visível no papel, mas que se experimenta ao criar e ao ouvir.

Entretanto, ao reler a leitura de Agamben sobre a obra de Benjamin, percebi que o que ele, Agamben, chama de expropriação da experiência, já estava implícita no projeto da ciência

moderna. Esta nasce desconfiada em relação à experiência e, ao enumerar os pensadores, suas teses e projetos, é notório que quando se fala em ciência moderna, não se fala de confiança, mas de dúvida. Se a experiência ocorresse espontaneamente, ela seria chamada de “acaso”, se fosse buscada, se chamaria de “experimento”.

Neste último estava o melhor meio de comprovação científica quantitativa. Mas o mais grave é que o experimento retira a experiência de dentro do homem e a lança aos instrumentos e números. O experimento é frio e independe de sentimentos e emoções e busca uma certeza, sendo esta incompatível, por sua natureza, à busca pela certeza e pela verdade. Citado por Agamben, Montaigne, que definia a matéria da experiência pouco voltada à ciência, teria dito que: “sobre a experiência não é possível fundar nenhum juízo constante.

Ao pensar no conhecimento separado da experiência, vejo que em seus escritos, Agamben recorre a Aristóteles, Montaigne e Platão e pensa junto deles para dizer que ambos sempre foram assim:

“O conhecimento não possuía nem mesmo um sujeito no sentido moderno de um ‘ego’, mas, ao contrário, era o próprio indivíduo o ‘sub-jectum’ no qual o intelecto agente, único e separado, realizava o conhecimento.” (AGAMBEN, 2014:26).

O conceito de experiência apresenta diversas leituras e interpretações, entretanto, não era assim tão simples também pela disputa entre os autores, inclusive os seguidores do pensamento aristotélico. A separação do conhecimento da experiência vai bem mais além. O intelecto representado como inteligência (nous) e a experiência representada pela alma (psyché) diziam desde a era medieval que o intelecto não era uma faculdade da alma. Encontram-se totalmente divorciados, mas, segundo o pensamento de Aristóteles, eles se comunicariam apenas para realizar o conhecimento. A experiência chamada de tradicional considera o limite que separa os dois lados.

O inteligível e o sensível, o humano e o divino, o uno e o múltiplo, apontavam já o saber humano como um (pátheimáthos) que é um aprender que se dá somente através ou após um tipo de sofrimento. E essa consideração eu julgo importante se puder considerar que o aprender que passa pela escola ou mesmo em outros locais, - sem generalizar nem particularizar nenhum lado -, vem sim carregado de sofrimento. A vida escolar é recheada de ritos que os estudantes precisam passar, contudo, nem todos esses rituais escolares valorizam ou engrandecem o estudante. Tais rituais podem mais ridicularizar, expor, silenciar, etc., do que o contrário.

Esses rituais que estou chamando de escolares, na verdade são da mesma natureza que os outros rituais de passagem que todas as culturas possuem. São de passagem porque é como

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

se o estudante passasse por um túnel mágico que faria aquele que entra no ritual, sair como um ser diferente. A criança do primeiro dia de aula sairá da escola como um estudante de fato; A criança que ao chegar ao final do 1º ano é agora uma criança que sabe ler, isto é, alfabetizada. Sei que nem sempre sabe de fato ler, mas o ritual da antiga festa da “entrega do livro” diz que sim, ela sabe; da mesma forma como o doutorando que espera sair de sua defesa de tese como um doutor.

“Em sua busca pela certeza, a ciência moderna abole esta separação e faz da experiência o lugar – o ‘método’, isto é, o caminho – do conhecimento. Mas, para fazer isto, deve proceder a uma refundição da experiência e a uma reforma da inteligência, desapropriando-as primeiramente de seus sujeitos e colocando em seu lugar um único novo sujeito.” (AGAMBEN, 2014:28)

O que Agamben está dizendo é que experiência e ciência, que até então se referiam a dois sujeitos distintos, agora se reúnem em um sujeito único e dá origem ao (ego cogito) cartesiano, ou seja, a consciência. O sujeito que une experiência (nous) e conhecimento (psyché) é apresentado hoje como uma substância (eu substantivado), mas diferente da substância material, a quem é atribuído tudo que caracteriza a psicologia tradicional e, inclusivamente, a sensação.

Se a finalidade da experiência era conduzir o homem à maturidade é porque antes ela tinha um caráter finito, algo que se podia ter e fazer. Entretanto, quando essa experiência está referida ao sujeito da ciência, a experiência move-se ao contrário e adquire um caráter infinito, algo que se pode fazer, mas nunca ter. Significa que o velho sujeito da experiência não existe mais. Em seu lugar existem dois sujeitos o do conhecimento que pode apenas fazer experiências e o sujeito da experiência que pode ter a experiência, sem jamais fazer. Para Agamben os personagens de Cervantes, Dom Quixote e Sancho Pança personificariam os dois tipos de sujeito: o do conhecimento e o da experiência, respectivamente.

“É a experiência, que temos oportunidade de adquirir quase diariamente, que nos determina a distância e o ângulo de visão. Ela diz-nos que a arte de narrar está em extinção”. (BENJAMIN, 1992:27-28).

Walter Benjamin, no texto “O Narrador”, vai explicar que a arte de narrar está em extinção porque as pessoas perderam sua capacidade de trocar experiências. Mas explica ainda que ele não está falando de qualquer troca de experiência, mas da experiência que “anda de boca em boca”, onde os narradores da tradição oral vão beber. A essência da narrativa para Benjamin é a utilitária, moralizante, de dar conselhos ou orientações aos seus ouvintes. O narrador da tradição oral, ao contar suas histórias, teria nelas sempre um ensinamento a dividir, mas, hoje esse tipo de prática que comunica e aconselha ou troca experiências está morrendo.

A explicação que Benjamin oferece é que para pedir um conselho, em seu sentido mais amplo, é preciso, antes de qualquer coisa, saber narrar a sua própria história. Ao solicitar uma orientação, instrução ou conselho é preciso que o narrador saiba contextualizar a sua narrativa, expor abertamente a sua situação crítica para aí sim abrir-se ao recebimento do que configura o conselho: a sabedoria.

“O narrador vai colher aquilo que narra à experiência, seja própria ou relatada. E transforma-se por vezes em experiência daqueles que ouvem sua história”.
(BENJAMIN, 1992:32).

Essa sabedoria que Benjamin fala está ligada à tradição oral, não aos livros escritos. A tradição oral, bem como seus narradores, ao dividir suas histórias, trazia de forma inerente o compartilhamento de experiências individuais ou coletivas. O próprio momento da narração, que configura um momento de criação, está também relacionada a essa troca com os demais, com os ouvintes que dividem aquele espaço e tempo da narrativa com outros. No momento da narrativa, cada um, à sua maneira, levará consigo a experiência ou sabedoria compartilhada que mais se aproximar das suas necessidades e com elas terão oportunidade de recontar em outro momento e local a “mesma” história que nunca será a mesma.

Sendo atemporal, a narrativa não perde nunca sua atualidade e pode perpassar várias gerações diferentes, trazendo ainda sua contribuição para as dúvidas ou mazelas inerentes à essência do sujeito. Essa narrativa, chamada de artesanal por Benjamin, é uma espécie de mergulho na experiência do narrador que a vive como ofício. Esse ofício não é apenas o dom de narrar, mas também de ouvir e de recontar. Nas rodas de contações de histórias que temos notícia da tradição oral, o ouvinte estava com as mãos ocupadas, tecendo, costurando ou mesmo limpando as ferramentas de trabalho para o dia seguinte e, esse “esquecer de si”, ocupado com as mãos, fazia do dom de ouvir, o dom de narrar.

Entretanto, depois de algum vasculhar sobre a noção de experiência, sem deixar nem uma página de pensar nas narrativas que configuram o motivo de estudo de minha tese, vou ao encontro delas, dessas mulheres, musas narradoras de suas próprias histórias. Como analfabetas, só podiam contar com a memória, como crianças pobres e impedidas de escolarização, só encontravam prazer com autonomia na fantasia ou imaginação.

Segundo Agamben, a função mediadora da imaginação na época medieval traz uma homologia entre fantasia e experiência. Depois, com o nascimento da ciência moderna, a função da fantasia é assumida pelo novo sujeito do conhecimento: o ego cogito. Entretanto, *cogitare* significou antes o discurso da fantasia que o ato da inteligência. Dessa forma, por ser, a fantasia,

no passado, uma coincidência entre subjetivo e objetivo, ela tinha lugar. Mas quando passou a configurar o subjetivo, o mágico, a alienação, foi expropriada, excluída da experiência autêntica que era, praticamente, um outro nome para a ciência que surgia.

Ao pensar na experiência como fantasia, penso também em “nomes” ou termos que estão quase sempre associados às experiências narrativas, orais ou escritas. Se Mnemosineera a deusa da memória, a Reminiscência é a musa da épica, pois transmite os acontecimentos de geração em geração, a Recordação vem como musa do romance e a Memória, musa da narrativa. Benjamin menciona essas musas épicas que a figura do narrador personifica. Assim, trago para a roda uma personificação pensada por mim: Se Benjamin fala que em cada narrador habita uma Xehrazade, então é exatamente essa figura que as mulheres cujas narrativas dividiram comigo personificam.

A figura da personagem Xehrazade é conhecida por narrar uma longa história para adiar a sua morte. Com as suas narrativas, as mulheres desta pesquisa também adiavam não a morte física, literal, mas, sobretudo, a morte de um projeto, de um sonho de um objetivo de vida: a alfabetização. Narrando suas histórias de uma infância impedida de escolarização, elas mantinham vivo o desejo de tal e acendiam em suas memórias a faísca que renovava sempre o fogo da sua realização.

“O adulto, ao narrar uma experiência, alivia seu coração dos horrores, goza duplamente uma felicidade. A criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez do início”. (BENJAMIN, 2009:101).

É vivendo que o sujeito desenha os contornos de sua história pessoal. Mas essa história pessoal ou a narrativa que se constrói em uma vida, não se constrói sozinho. Em uma dada história pessoal habitam outras tantas histórias, ouvidas, lidas ou vivenciadas. Nas histórias de vida não existe a voz de um único sujeito, pois assim como as histórias que se cruzam e se multiplicam em muitas outras, as vozes também se encontram e se embaralham em um coro bilateral que confunde, por exemplo, a noção de autoria.

O que é de fato meu e o que pertence ao Outro? Venho aprendo a pensar sobre essas questões. Venho aprendendo também que em algumas situações é difícil discernir, pois o sujeito, em sua constituição, está indiferenciado com os muitos outros que existem ou existiram em sua vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É justamente por esse inevitável embaralhamento de histórias de vida e de vozes que opto, em minha tese, pela pesquisa-narrativa como metodologia mais apropriada para trabalhar as narrativas trazidas nas falas de mulheres idosas que retornam pela memória ao período infantil e contam sobre a sua infância sem escolarização. Sei que a metodologia consiste no caminho que se opta por percorrer, mas que, como qualquer outro caminho, demanda que eu saiba de onde parto e para aonde pretendo ir. Parto de narrativas orais transcritas, colhidas antes da realização da pesquisa doutoral, mas que possuem elementos que não puderam ser trabalhados na dissertação de mestrado. Vou das narrativas do presente para “acontecimentos passados”, ou experiências, segundo Benjamin, vividas no passado. Entretanto, a construção dessas narrativas, que se deu no presente, recupera indícios ou vagas lembranças do passado, mas não traz o período passado para o presente, ou melhor, não traz a infância dessas mulheres para seu momento presente, a velhice.

O passado de qualquer sujeito fica sempre no passado. Este não sai de seu lugar e invade o presente conforme se pensa quando se fala de memórias ou lembranças. As pessoas costumam romantizar e dizer que ao usarem a memória, revivem os fatos passados tal qual eles ocorreram há anos atrás. O que de fato preciso discordar porque a lembrança desses fatos nunca ocorre da mesma maneira e seu produto não pode ser verossímil nem mesmo para aquele que conta. A cada oportunidade que se tem de lembrar um evento, de recontar uma situação é possível que alguns detalhes sejam omitidos ou acrescentados. Penso em irmãos criados juntos que apresentam registros de memórias totalmente diferentes da mesma infância. Seus pontos de vista, suas percepções e emoções são apenas alguns dos fatores que contribuem para que essa diferença exista. Quem de fato está certo? Eles nunca saberão.

Contudo, penso também nas vezes que o sujeito conta e reconta a sua própria história de vida. A cada vez uma nova história se apresenta, um novo contexto ou emoção se configura. Não estou simplesmente dizendo que o sujeito burla suas lembranças propositalmente; estou pensando nas vezes em que se acredita seriamente na veracidade dos fatos independentemente da opinião alheia e ainda quando nem se percebe a alteração dos detalhes.

Por que isso acontece? Isso acontece porque a memória não é rígida, não é nítida, não é linear, não é cronológica ou racional. Pelo contrário, seus aspectos mais recorrentes me levam a crer que esse material tão dúbio quanto efêmero, não pode ser manipulado, ele é livre para ir e vir de onde estivermos para qualquer lugar do passado.

Nas narrativas trabalhadas ainda no mestrado, notei que as mulheres que ali contam parte de sua história de vida, vão, inevitavelmente, de onde estão, da terceira idade para uma fase específica do passado: a infância ligada à negação da escolarização. Elas não apontam importância nem comentam com tanta energia, sobre nenhum outro acontecimento ou fase da infância, apenas sobre a fase de uma possível escolarização que não ocorreu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi assim que me deparei no mestrado com a pesquisa (com) e com a (conversa) como uma metodologia possível e válida não apenas dentro da Educação. Mas, diferentemente do que pensava, desta vez não poderia trabalhar com nenhuma das duas. E, durante as aulas de Memória e Narrativa fui percebendo que precisava de outra metodologia para realizar a pesquisa a que me propunha.

Peguei tudo o que tinha e voltei a analisar. De fato, eu não estava mais em campo, não teria encontros quinzenais com as mulheres idosas com as quais pesquisei. Dessa forma, eu não mais poderia pesquisar (com) elas. O que tinha eram recortes das conversas em que a questão da infância sem escola saltava aos olhos. Precisava definir o que me levou novamente a buscar essas narrativas, definir melhor o meu problema de pesquisa, bem como a questão que norteava a minha reflexão, além de fazer uma revisão da literatura a ser utilizada.

De porte do que tinha para pesquisar, fui conhecer uma nova metodologia de pesquisa: a pesquisa narrativa. Precisava começar pelas narrativas, elas iriam apontar os caminhos para os quais eu levaria os teóricos para com eles dialogar. Contudo, não pretendia fazer um trabalho de análise do discurso, eu queria, na verdade, voltar a encontrar com aquelas mulheres idosas, nem que fosse dentro de suas narrativas ou no caminho trilhado por suas memórias. Então, busquei conhecer mais da metodologia a ser empregada e em um dos textos estudados, encontrei as vozes de Guilherme Prado e Liana Serodio:

“A pesquisa narrativa, para ser o que entendemos como metodologia narrativa de pesquisa em Educação, exige que o pesquisador se coloque como participante da pesquisa, de maneira subjetiva, implicada e nada neutra, com seus atos responsivos ao que vier, inclusive conflitos.” (PRADO & SERODIO, 2015:101)

Assim, fui estudando e percebendo que a pesquisa narrativa se realiza em vários campos do conhecimento e pude verificar que a potência da narrativa como produtora de saberes estava sendo trabalhada pelo mundo a fora. Então, decidi que partiria das narrativas de que dispunha para trabalhar as questões que ainda ecoavam dentro de mim. E também que não precisaria fazer propriamente uma análise do discurso, como se faz na área de Linguística, pois existia a

possibilidade de fazer “a análise narrativas das narrativas”, ou seja, “a produção de uma narrativa em que as narrativas depois de analisadas possam se conformar numa certa realidade narrativa”. (PRADO & SERODIO, 2015:105).

REFERÊNCIAS

AISSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação – Formas e Transformações da memória cultural**. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História – Destruição da experiência e origem da história**. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ARENDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios**. Tradução: Ana Luísa Faria. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Sentido Único e Infância em Berlim por volta de 1900**. Tradução: Isabel Almerinda de Sousa. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

_____. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Tradução: Maria Luz Moita. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

CANTINHO, Maria João. “Na encruzilhada do destino: afinidades e diferenças do olhar em Walter Benjamin e Hannah Arendt” in: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (Org.) **Hannah Arendt: Luz e Sombra – Seminário Internacional**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em Pesquisa Qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia:EDUFU, 2011.

CELAN, Paulo. **O Meridiano e Outros textos**. Lisboa: Cotovia, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Che cos' è la poesia?** Tradução: Osvaldo Manuel Silvestre. Coimbra: AngelusNovus Editora, 2003.

PRADO, Guilherme do Val Toledo (Org.) **Metodologia narrativa de Pesquisa em Educação – uma perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SONTAG, Susan. “Sob o signo de Saturno” in: Benjamin, Walter. **Rua de Sentido Único e Infância em Berlim por volta de 1900**. Tradução: Isabel Almerinda de Sousa. Lisboa: Relógio d’Água, 1992.